

Rituais de festa em uma morte anunciada

Profª Drª Temis Gomes Parente - UFT

temis.parente@uol.com.br

No dia 29 de maio de 2004, em Natividade- TO, morre Ana Dias, mulher negra de 72 anos. Filha de Maria Dias da Silva, mãe solteira, lavadeira, vendedora de lenha, entre outros serviços que prestava à comunidade para sobreviver. Ana Dias herdou da sua mãe a cor negra e a profissão de lavadeira e apanhadora de lenha, mas também aprendeu a bordar panos de pratos os quais vendia para as mulheres burguesas da cidade. Nos seus últimos anos de vida, Ana Dias recebeu assistência de quase todas as mulheres da cidade. Doente, e teve tempo de preparar e imaginar como seriam os rituais e as vestes para seu velório. Ana conseguiu convencer a maioria das mulheres de Natividade sobre a importância do cumprimento de suas vontades, depois de morta..

Seu desejo foi cumprido e sua morte coincidiu com a comemoração do dia do Divino Espírito Santo (data móvel, comemorada a partir do Domingo de páscoa, quando as folias do Divino partem num giro de 40 dias, até Domingo de Pentecostes, dia do Retorno das folias e portanto dia do Imperador do Divino).¹ O velório de Ana Dias foi realizado em Natividade, uma das cidades mais antigas do Estado do Tocantins, surgida com as descobertas de ouro no século XVIII.²

Ao chegamos à cidade, fomos convidadas para assistir a um velório. Interessante é perceber que quem nos convidou parecia ter consciência de que nós, como pesquisadoras, nos interessaríamos por conhecer os rituais daquele velório pouco comum àquela sociedade.³ Para nossa surpresa, encontramos no meio da sala, (na maioria das cidades do interior do Tocantins ainda se faz o velório nas residências do morto ou dos parentes,) o caixão coberto com um manto vermelho, em cima de um tapete vermelho, algumas rosas vermelhas, como arranjo, e várias mulheres em pé cantando uma marchinha de carnaval pedimos informações a nossa anfitriã sobre o significado simbólico daqueles aparatos e viemos a saber que o velório estava em conformidade com a vontade da morta que declarou em vida desejar ser enterrada vestida de vermelho, em um caixão vermelho, e que no seu velório fosse cantada uma determinada marchinha de carnaval. Nos aproximamos e verificamos que a defunta estava vestida de branco sendo o pedido de Ana Dias- o de ser enterrada

vestida de vermelho- o único que não foi atendido. O vermelho foi preterido pelo branco porque a cor branca tradicionalmente representa a pureza e, segundo as senhoras do lugar, ela era virgem. Em cima do caixão, havia um chapéu vermelho, com a propaganda do imperador do mastro daquele ano. Ainda tivemos a oportunidade de assistir à missa de corpo presente, celebrada pelo padre da cidade e acompanhada pelas mulheres.

Depois que o corpo saiu em um carro da funerária, conversamos com várias pessoas sobre o significado daquela cerimônia já que não conhecíamos a importância de Ana Dias nem o significado daquele ritual estranho a todos os demais velórios conhecidos na região: seja nos aparatos das vestes da morta, seja no manto vermelho que cobria o caixão, seja nas flores que enfeitavam a sala ou na marchinha de carnaval entoada pelos presentes e, destoando com as lágrimas que algumas mulheres deixavam escapar. Até nossa anfitriã, entre uma explicação ou outra, entrecortava meias risadas com lágrimas furtivas.

Feitas algumas perguntas, viemos a saber que Ana Dias era uma das devotas mais fervorosas do Divino Espírito Santo e que naquele dia, o da sua morte, estava acontecendo a Esmola Geral, um dos últimos e mais importantes rituais dos festejos (era devido a esse festejo que nos encontrávamos em Natividade). Segundo relatos colhidos por nós, nesse dia o Espírito Santo visita todos os moradores da zona urbana (nos 40 dias anteriores, são visitados os moradores na zona rural), sendo por isso o dia mais esperado por Ana Dias. Vestia-se vermelho e saía pela cidade acompanhando a folia, festa de que mais gostava, apesar de participar de todas as outras, sejam profanas ou religiosas, que aconteciam em Natividade. Talvez por isso o funeral de Ana Dias tenha sido um sincretismo entre o religioso e o profano, pois os trajes lembravam a folia do divino e as rezas eram entremeadas pelo canto das marchinhas de carnaval, outra festa de que Ana Dias gostava, tanto que recomendou que fosse cantada a seguinte marchinha em seu velório:

*Você com essa cara tão linda, tão linda de beijar a lua
Será que você vem de casa ou vem de casa pra ficar na rua
Pra onde você for eu vou
De Bonde, trem ou lotação
Por você eu ponho cabo na lua e vou até, até lá no Japão*

O ritual da Esmola Geral parte da Igreja Matriz, com o povo acompanhando a Bandeira da Misericórdia (uma grande Bandeira do Divino), cantando e rezando. Enquanto essa bandeira percorre as principais ruas da cidade, várias bandeiras de tamanho normal, arrecadam recursos para auxiliar o imperador⁴ do Divino a realizar o festejo do ano seguinte.

Todas as bandeiras e as outras representações dos festejos do Divino Espírito Santo são vermelhas, cor predominante em toda a festividade, desde as bandeirolas que enfeitam as ruas até os detalhes das lembranças distribuídas pelo imperador, o que justifica, portanto, as recomendações de Ana Dias com relação aos procedimentos referentes ao seu funeral.

Outra particularidade do velório era a ausência de homens, pois, segundo nossa anfitriã, Ana Dias não gostava de homens, tendo pedido que no seu velório não houvesse a presença de nenhum deles, assim, vimos somente mulheres ao redor do caixão, sendo exceção apenas o padre que celebrava a missa de corpo presente para ela, e que terminada a missa fazia coro à marchinha de carnaval, respeitando a vontade da morta.

Segundo a narrativa das pessoas do lugar aconteceu, tudo que Ana Dias gostava, no dia de sua morte: ela adorava a lua cheia, no momento do seu enterro, início da noite, era dia de lua cheia; morreu no dia na esmola geral, dia que ela mais gostava; foi velada e reverenciada pelas mulheres das famílias mais tradicionais da cidade; acataram-se todas as suas vontades, expressas enquanto viva. Ou seja, Ana Dias, mulher pobre, negra, sem ligação familiar tradicional, considerada "*Môca*"⁵ naquela sociedade, conseguiu fazer de seu funeral uma espécie de festa. Cabe aqui ressaltar o fato de que nesse dia chegássemos para presenciar e imortalizar as vontades de Ana Dias, mulher anônima, que consegue, dentro de uma sociedade tradicional, impor seus últimos desejos.

Possivelmente por ser anônima, tenha sido mais fácil satisfazer todos os seus pedidos. Ela não tinha parentes para questionarem tais vontades que entrassem em choque diretamente com os preceitos católicos. Talvez por ser anônima, aquela sociedade se sentiu na obrigação de fazer suas últimas vontades, apesar de afirmarem que fizeram porque gostavam muito dela. Dentro daquela sociedade, fazer a vontade de Ana Dias era uma caridade cristã, espírito presente em Natividade, em um dia de festa em que todas elas tinham outros afazeres. O ritual desse velório, diferente em todos os seus aspectos, levou-nos a refletir sobre a importância e o poder que ainda possuem as vontades de um morto, mesmo sendo um anônimo, sem família, sem vínculo social algum, é como se as pessoas vivas, devido toda a mentalidade imbuída pelo cristianismo, se sentissem na obrigação de cumprir a vontade de um morto.

O certo é que os rituais de morte são um fator social e temporal, morre-se dentro do horizonte de classe e de cultura em que se viveu, embora o velório de Ana Dias tenha fugido desse horizonte, pois como já se disse anteriormente ela, era mulher negra, sem vínculo sanguíneo com aquela sociedade, era considerada "*môca*", perseguida pelas crianças da cidade, ensandecida, auto-flagelava-se, sobretudo no rosto, chegando muitas vezes a quebrar vários dentes.

O velório de Ana Dias ritualizado com todas as contradições econômicas, sociais e culturais de sua vida, representava, também, a satisfação dos vivos, que faziam da morte uma reafirmação dos seus sentimentos opressores, entretanto, a cena que estávamos presenciando representava o contrário: a vontade expressa de Ana Dias em vida, sendo cumprida na sua morte por uma sociedade a que ela não pertencia.

Além dessa leitura, podemos inferir a de que os rituais de morte de Ana Dias colocados em prática por aquelas mulheres era uma forma de representar toda uma dimensão social e como tal, representava um acontecimento estratificado, pois a duração da vida e as modalidades do fim são diferentes segundo as classes a que pertencem os mortos, embora aquelas mulheres estivessem fazendo o que delas não se esperava: satisfazer as vontades de uma pessoa estranha ao meio social a que pertencem, alguém que fez parte de seus cotidianos sem ter alcançado visibilidade. No velório de Ana Dias, ocorreu o que Michel Vovelle denominou de *morte vivida* "é um complexo de gestos e ritos que acompanham o percurso da última doença à agonia, ao túmulo e ao além. Com facilidade, poder-

se-ia encaixar essa morte sofrida no quadro cômodo e seguro das práticas funerárias, mágicas, religiosas e cívicas que, em todos os tempos, procuraram apropriar-se da morte atribuindo aos ritos da última passagem, dos funerais, da sepultura e do luto, uma estrutura na qual se depreende ou um sistema, ou mais freqüentemente uma estratificação de sistemas mesclados.⁶

Daí a importância de se "imortalizar" através deste artigo os funerais de Ana Dias, dando a ela a visibilidade e o lugar que não lhe foi possível em vida, pois ainda de acordo com Vovelle, não há nada de mais desigual ou diferenciador do que a morte. Dos traços que ela nos deixa ficam as provas, os testemunhos, os indicadores dos ricos, dos poderosos, mas nada para a massa anônima dos pobres. Assim, é neste quadro que Ana Dias nos tornou importante, era uma mulher pobre, *moca*, negra, mas o seu ritual de morte presenciada por nós os tornara imortal, como os grandes personagens da História.⁷

Os ritos fúnebres de Ana Dias representam ainda o que Vovelle chama de *morte barroca*, isto é, uma morte marcada por uma extraordinária mobilização ritual, coerente com um catolicismo que enfatizava as manifestações exteriores de religiosidade: a pompa, as procissões festivas, a decoração elaborada do velório. Ana Dias teve tempo de se preparar para a sua morte, pois encontrava-se doente e não morreu de repente. A morte de Ana Dias, também se enquadra no que João José Reis⁸ chama de boa morte: significava que o fim não chegaria de surpresa sem que ela prestasse contas aos que ficavam e também os instruisse sobre como dispor de seu cadáver, de sua alma e de seus bens terrenos. Ela não deixou testamento escrito, até porque ela nada possuía. Seu testamento foi oral: deixa as seguintes recomendações: *Cordão de ouro para Sandra; par de brinco de ouro para Selma.*, as "*filhas do Benício e Julia Araújo*" (pessoas com quem ela morou durante muitos anos)

Percebemos que Ana Dias teve tempo para se preocupar com a chegada de sua morte, preparando-se para recebê-la, portanto, ordenando a sua vida,⁹ cuidando de seus santos de devoção ou fazendo sacrifícios a seus santos: era associada do Apostolado da Oração, congregação dentro da Igreja; nas festas religiosas sempre tinha a preocupação de arrematar prendas nos leilões, mesmo sem ter condições financeiras, justificando que era para ajudar à Igreja.

Por fim, vemos que a preocupação de Ana Dias com os seus ritos fúnebres, foi mais além do que ela imaginou, quando repetia para as pessoas como queria seus últimos momentos na terra dos vivos. Ela não imaginava na sua forma de viver pelas casas e ruas de natividade, que o seus ritos

fúnebres transcritos por pesquisadores que estavam na cidade justamente naquele dia e horário, para presenciar os festejos do Divino- justo os festejos que a morta mais gostava, justo no dia que ela morre. Entendemos que a morte, como qualquer fato da vida humana, comporta uma dimensão social e, como tal, representa um acontecimento estratificado. Todos morrem, é certo, contudo, a duração da vida e as modalidades do fim são diferentes segundo as classes a que o pertencem os mortos: *aí está a singularidade da morte de Ana Dias, representadas por ser um ritual de festa em uma morte por e ela anunciada.*

¹ Todas as informações para este artigo foram gentilmente prestadas por Simone Camelo, nascida em Natividade, fundadora da Associação Comunitária e Cultural de Natividade - TO. Atualmente, Simone Camelo é Coordenadora do programa Monumenta: programa de preservação do patrimônio Cultural, com visão de sustentabilidade.

² PARENTE, Temis Gomes. Fundamentos Históricos do Estado do Tocantins. 2ªed. Goiânia, UFG, 2003.

³ Estávamos em Natividade para assistirmos aos festejos, tendo o convite sido feito, também, por Simone Camelo, doravante será tratada neste artigo como nossa anfitriã.

⁴ O imperador representa o poder do Espírito Santo. É escolhido através de um sorteio no Domingo de Pentecostes.

⁵ "Móco" em Natividade é um termo usado para denominar qualquer pessoa que não tenha todos os sentidos normais, principalmente alguma dificuldade mental ou dificuldade na fala.

⁶ VOVELLE, Michel. A História dos homens no espelho da Morte. In. *A Morte na Idade Média*. Hermam Braet & Werner Verbeke 9EDS) São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

⁷ Idem, pg. 18

⁸ REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, 92.

⁹ Ana Dias era aposentada e pagava a funerária.